



ESCOLA CONTEMPORÂNEA CRIATIVA E INOVADORA NA TRANSIÇÃO DE PARADIGMAS

Maria José de Pinho*

Kênia Paulino de Queiroz Souza**

RESUMO

O presente artigo traz a discussão sobre a ruptura do paradigma conservador para a educação emancipatória. Uma mudança de acordo com os referenciais teóricos acerca das concepções sobre o criar e o inovar na 'visão de transformação' enquanto instituições educativas. Este trabalho tem como objetivo conhecer as principais concepções de criatividade e inovação na escola contemporânea no rompimento do paradigma conservador para uma educação emancipatória. É um estudo de caráter bibliográfico que iniciou com a análise dos aportes teóricos no **Grupo de Pesquisa em Rede Internacional Investigando Escolas Criativas e Inovadoras**. Esta reflexão trouxe a percepção de que a escola contemporânea pode ser definida como emancipatória na perspectiva criativa e inovadora, quando a mesma caminha na contramão de um ensino conservador; o qual prioriza o trabalho individual e um saber fragmentado. Em oposição a este modelo, esta escola possui a visão formadora e transformadora de seu fazer pedagógico e coletivo, buscando-se a interligação do saber e a produção do conhecimento. Uma instituição que valoriza os potenciais criativos, a natureza e o ser humano; visando o bem individual, social e planetário, através dos princípios que parte da vida e para a vida.

Palavras-chave: Educação formadora e transformadora. Criatividade e inovação. Mudança paradigmática.

1 INTRODUÇÃO

* Doutora em Educação e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora dos programas de Doutorado e Mestrado em Letras e do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

** Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professora da Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEDUC-TO).

O criar e o inovar estão voltados para as diferentes situações e circunstâncias do meio que envolve o ser humano, a vida. A criatividade precede a concepção de inovar, pois falar de inovação requer partir do princípio de uma ideia criativa que será organizada e materializada em algo novo, podendo ser um produto, uma prática ou ações inovadoras. No que se refere a políticas públicas, desde a década de 70 do século XX, são implementados diferentes tipos de projetos e ações nomeadas de “inovação educacional” objetivando atender o sistema educativo do país, o que requer estudo sobre que fundamento está amparado os termos de criatividade e inovação.

O Ministério da Educação (MEC) na busca de solucionar vários entraves e desafios da educação básica tem procurado incentivar ações ‘inovadoras’ dentro das escolas. Este incentivo, mais especificamente a partir dos anos 2000, se efetivou em diferentes níveis de ensino, procurando atender as demandas e reivindicações da sociedade civil organizada e pelas necessidades de mudanças em função das exigências sócio educacionais (SUANNO, DITTRICH; MAURA, 2013).

A intencionalidade em investigar a criatividade e a inovação escolar parte dos estudos no **Grupo de Pesquisa em Rede Internacional Investigando Escolas Criativas e Inovadoras**, que tem como objetivo verificar indícios de práticas inovadoras e criativas nas escolas públicas municipais, nos anos iniciais do Ensino Fundamental; bem como identificar se esta inovação parte de uma visão transformadora educacional que tende a superar a fragmentação do conhecimento por meio do (re)criar o seu fazer pedagógico, as suas concepções, valores e fundamentos tendo um olhar global do contexto escolar.

Este artigo tem como objetivo conhecer as principais concepções de criatividade e inovação da escola contemporânea no rompimento do paradigma conservador para uma educação emancipatória.

Para tanto, recorre-se à análise bibliográfica ampla, sobre as teorias que norteiam o contexto escolar emancipatório baseando-se nos principais autores: Suanno, Dittrich e Maura (2013); Nascimento (2013); La Torre (2008); Cunha (2006) e Moraes (1997). Estas obras trazem as concepções de mudanças paradigmáticas entre o conservador e o emancipatório. Um ensino conservador, predominado pela linearidade e a reprodução do conhecimento, enquanto o emancipatório traz o inverso desta predeterminação, valorizando o produzir e o construir de novos caminhos, novos conhecimentos de forma coletiva e mais humana. Este estudo proporciona por meio da discussão sobre as teorias a compreensão dos principais conceitos que fundamentam as práticas criativas e inovadoras no processo de ensino

emancipatório.

A escola criativa contemporânea na visão cultural de uma instituição que visa formar e transformar, procura de acordo com Zwierewicz (2011) a desenvolver e valorizar os potenciais criativos, as capacidades empreendedoras, a importância ao desenvolvimento do ser humano a partir do seu entorno tanto para o seu interior quanto ao exterior visando o bem individual, social e planetário.

Neste contexto procederá a discussão sobre a transição do paradigma conservador para a educação emancipatória de acordo com os aportes teóricos e as reflexões para aqueles que têm a pretensão de conhecer concepções de criatividade e inovação e percebe a necessidade em rever a sua prática enquanto instituições educativas com ‘visão transformadora’, pois segundo Carneiro (2013) o ser humano tem dentro de si a capacidade formadora e consegue transformar a sua realidade de acordo com a sua percepção criadora.

2 CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL EMANCIPATÓRIO

A concepção do criar independente de onde surge traz uma entonação de algo diferente para o espaço e tempo determinado, pode até mesmo traduzir em diferentes valores para a vida a partir de uma existência criativa. O ser humano precisa de sua imaginação, refletir, sonhar e se expressar com naturalidade, sem pressão, com desprendimento e liberdade desmedida. O criar está além do simples fato de criar, Carneiro (2013, p. 136), afirma que “criar transcende a ação de gerar, porque ninguém cria a partir do nada, já que a base para tal processo é a própria experiência”. Enquanto Carneiro recorre às vivências como ponto essencial para transcender a ação de gerar, Rajadell (2012, p. 108), fala da capacidade que o ser humano possui em seu interior para imaginar e criar, fala do local inspirador, do inédito, das percepções ao criado, afirma que “a criatividade é a capacidade humana para gerar ideias ou conexões imaginativas em um determinado campo, com certo nível de originalidade e de aportação de valor”.

Para Nascimento (2013, p. 90), o ser criativo precisa de liberdade, também associa o envolvimento de seu meio para expressar o que faz parte de seu contexto, pois

A criatividade é o próprio exercício da liberdade de pensar, de agir, de ser, além dos padrões que adotamos. Ser criativo implica em uma atitude livre, a partir da qual se assume um papel de responsabilidade pela criação (criar+ação) de sua própria realidade.

Para tanto a prática incentivadora escolar ao desenvolvimento criativo é imprescindível, pois “o ser humano tem uma tendência natural de exprimir para si e para o outro aquilo que pensa e o que sente e isso só será possível se a escola permitir, incentivando a prática da criatividade” (CARNEIRO, 2013, p. 135), possibilitando a socialização de inúmeras ações e necessidades de sua realidade. O ser humano tem no seu interior a capacidade encantadora de imaginação para realizar projeções em seu exterior. Ao se referir a criatividade a partir da subjetividade humana, direcionada a especificidade do professor, entende-se que é a superação da normalidade de forma aberta, sensível e reflexiva no expressar de seu interior ao exterior. Pode-se entender que a

[...] criatividade é uma característica intrinsecamente humana, porque só o homem é capaz de criar projetando seu mundo interior sobre o meio. [...] existem algumas características que indicam o ato criativo. São elas a originalidade, a flexibilidade, a produtividade, a elaboração, a análise, a síntese, a abertura mental, a comunicação, a sensibilidade para os problemas e a redefinição. (TRIGO, 1999, apud CARNEIRO, 2013, p. 137).

Nem todas as criações são consideradas criativas, pois para ser um ato criativo, requer algo que exprima certa sensibilidade em seu produto final, que tenha uma originalidade para a superação de expectativas, de adversidades ou simplesmente seja o fato de exprimir um sentimento, ou um recriar. Segundo Carneiro (2013, p. 137) “a criatividade consiste, entre outras coisas, em uma visão singular do mundo que se faz acompanhar da emoção e isso ajuda o ser humano a refletir sobre a realidade”, entrelaçando uma visão única com o seu interior, sua maneira de perceber o outro, o mundo, onde considera a partir de suas vivências e conhecimentos adquiridos a possibilidade de criar. Ou seja, “criar depende das experiências que vão se acumulando ao longo da vida humana, de suas relações e dissociações de modo que cada um possa expressar-se”, (CARNEIRO, 2013, p. 139) sentir-se e valorizar a própria vida.

As criações são inspirações que partem do meio em que o ser humano vive, Carneiro (2013, p.139) afirma isso explicitando que “todo inventor por mais original que seja é produto da sua época e de seu ambiente. A obra criadora é, portanto, um processo histórico e consecutivo, onde cada nova forma se apoia nas precedentes”. O criador precisa vivenciar as suas emoções e percepções para expressar a sua criatividade.

Os três autores, Rajadell, Nascimento e Carneiro conceituam criatividade de formas diferenciadas e em alguns momentos se encontram, considerando as afirmações onde os mesmos citam concordando entre si que o criar precisa ir além do apresentado, algo novo, “uma marca única, inconfundível e diferente” (CARNEIRO, 2013, p. 137), “criar novas

realidades” (NASCIMENTO, p. 90, 2013), ou seja, “com um certo nível de originalidade” (RAJADELL, 2012, p. 108).

Com esta concepção de criar em comum e a agregação de outras em que os autores apresentam como sentir, ver, observar, valorizar, reconhecer, gerar e ser livre, é que falar de criatividade no âmbito escolar, não é simplesmente referir a uma ideia ou a um único conceito e sim, também na escola (CARNEIRO, 2013, p. 140), “transcender o conhecimento de conteúdos, requer alguns passos interessantes que vão desde a curiosidade, a demonstração, a sensação, a incerteza, a lógica, a imaginação, a corporeidade e a conexão”, pois “produtos orvalhados de criatividades impactam, motivam o aluno, aproximam o aluno e lhes transmitem bem-estar” (RAJADELL, 2012, p. 108), por isso a importância de se pensar em uma escola que seja criativa, que tenha, em seus objetivos, visões formadoras e transformadoras e que pensem além de si mesmas. Nesta mesma percepção,

As Escolas Criativas são aquelas que vão adiante do lugar de que partem, oferecem mais do que têm e ultrapassam o que delas se espera, reconhecem o melhor de cada um e crescem por dentro e por fora, buscando o bem-estar individual, social e planetário. (LA TORRE, 2009, apud ZWIEREWICZ, 2011, p. 143).

A escola que a autora se refere tem como objetivo preparar o aluno para vida, contribuindo com uma educação que estimula a consciência e os valores humanos, que procura sair da monotonia, do previamente estabelecido e não prejudicar os alunos com a falta de estímulos, onde pode suceder que

Com as ações do cotidiano e as escolhas diárias, ao longo do tempo vamos deixando de criar e isso ocorre principalmente na escola, quando a imposição de currículos desvinculados da realidade e a repetição de tarefas monótonas, desmotivam as crianças, prejudicando o processo de criatividade. (CARNEIRO, 2013, p. 138).

Nesta perspectiva, o ensino criativo visa ultrapassar as barreiras impostas interna e externamente, não expressa autoritarismo, busca coletivamente o desenvolvimento do progresso humano dentro de infinitas atuações e comunicação. Levando em consideração que cada pessoa tem a sua particularidade, seu potencial humano e a sua responsabilidade individual, faz-se necessário saber viver em sociedade, ter consciência em grupo, pois em uma escola não há funcionalidade a partir de um ser único, e sim em uma comunidade educativa e criativa

O trabalho em equipe também resulta básico para a evolução da própria sociedade; nossa sociedade evolui porque se discute, se debate, se planeja ou se tomam decisões, em um torno social. A diversidade de opiniões, conhecimentos e experiências proporciona aportação e riqueza para a equipe; devemos aceita-la como

valor que fomenta a abertura das fronteiras do conhecimento. (RAJADELL, 2012, p. 128).

Segundo Rajadell (2012, p. 130), o ensino de uma escola que visa o seu desenvolver coletivamente requer um fazer “coletivo que possua um ar de neutralidade, tolerância e respeito a determinados temas, atividades e abertura a sugestões e críticas dos demais, embora sempre sob um ambiente positivo.” Fala-se em uma neutralidade de estar inserido em um grupo que respeita o saber e a concepção do outro enquanto equipe e não de ser propriamente neutro nas ações. Estas que em muitos momentos exigem certas modificações para que um grupo aprenda realmente desenvolver o seu trabalho de forma coletiva.

Estas mudanças estão mais fortes na sociedade educativa em tempos contemporâneos, que tem vivenciado a criatividade a partir de processos de desconstrução e reconstrução onde muitas vezes não se sabe que situações estão vivenciando, Suanno (2013) fala que estas situações adversas são estimulações para aqueles que conseguem aproveitar as circunstâncias e adversidades trabalhando em prol de mudanças criativas para novas aprendizagens e transformação de uma realidade. Neste processo, o autor afirma que

As adversidades, se percebidas como oportunidades de crescimento, podem ser de um novo ciclo e carregar forças de renovação, criação e inovação. Em momento de crise, em situações de grandes conflitos, caso a postura do sujeito, ou instituição, seja de enfrentamento e criatividade, o que é elaborado, quase sempre, é inovador. (SUANNO, 2013, p. 31).

O autor traz em sua afirmação que o planejamento realizado com criatividade para que haja mudanças em determinadas situações problemas, de crise, tem a possibilidade de gerar algo inovador. Mas, também se pode observar que ao mesmo tempo em que um complementa o outro há uma diferença entre o criar e o inovar, pois

Todos podemos ser criativos porque podemos gerar ideias, sejam mais simples ou complexas; porém não devemos confundir criatividade com inovação, porque a inovação é a capacidade organizativa para transformar uma boa ideia em um produto, serviço ou processo, aos quais sempre deve se acrescentar o fator êxito, focalizado em função de cada cenário. (RAJADELL, 2012, p. 108).

O processo de criatividade e inovação se diferencia entre si, no entanto também se relacionam a concretização de um produto consideravelmente positivo. Para tanto o conceito de criatividade vem antes da inovação na concepção de que ao se ter uma ideia criativa, a inovação surge com a função de transformá-la em algo concreto e desejável ao processo educativo. Suanno (2013, p. 31), afirma que “criatividade e capacidade crítica aliadas, no dia a dia, são grandes diferenciais para o surgimento de ações inovadoras;” considerando a busca

de soluções aos entraves diários educacionais, o processo inovador tem como constitutivo a própria criatividade (CUNHA, 2006). O ato de inovar parte de uma necessidade de mudança de uma situação problema e do querer do sujeito à alteração, “no Brasil o termo inovação educacional relaciona-se à solução de problemáticas da educação” (SUANNO, DITTRICH; MAURA, 2013, p. 211), é considerado o ato original, não necessariamente em grande dimensão, mas inédito, sensível à percepção humana em um processo de mudanças, não propriamente a mudança em si, mas o processo de tornarem ação inovadora na área educacional, pois

[...] a inovação se associa com a autonomia quando entendida como ruptura paradigmática, na medida em que assume as relações que abandonam a verticalidade autoritária. [...] “A inovação se associa também com o novo, trazendo, nessa expressão, uma questão qualitativa, que envolve a introdução de algo ainda não estreado, não visto antes pelos alunos”. (BROILO, PEDROSO e FRAGA, 2006, p.119).

Este associar exposto não diz respeito a exclusivamente todo o inédito, pois nem tudo que é novo é inovador. Os autores prosseguem explicitando que o mesmo “existe em determinado lugar, tempo e circunstância, como produto de uma ação de pessoas sobre o ambiente ou meio social” (SUANNO, DITTRICH; MAURA, 2013, p. 211).

3 A INOVAÇÃO EDUCACIONAL NA MUDANÇA PARADIGMÁTICA

Muitos entendem que inovar pode ser algo de mudança para um produto consideravelmente melhor que o anterior, principalmente quando se refere à originalidade na escola. Às vezes trata-se de apenas uma mudança de hábitos, mas traduz popularmente inovação. Na sociedade contemporânea, (SUANNO, DITTRICH; MAURA, 2013, p. 213) “as mudanças metodológicas ou curriculares podem ser inovadoras, mas também são autolimitadas no tempo e no espaço” e a sua abrangência no contexto educacional pode ser “uma instituição, um curso, uma disciplina, ou referir-se a um método de ensino, a uma técnica, a um material, à avaliação, à atitude pedagógica” (SUANNO, DITTRICH; MAURA, 2013, p. 212).

A concepção de inovação a partir de uma necessidade de ruptura é apresentada em relação à transformação do conhecimento sugerido,

[...] a inovação requer uma ruptura necessária que permita reconfigurar o conhecimento para além das regularidades propostas pela modernidade. Ela pressupõe, pois, uma ruptura paradigmática e não a inclusão de novidades, inclusive as tecnológicas. Nesse sentido envolve uma mudança na forma de entender o

conhecimento. (CUNHA, 2006, p. 40-41).

A autora traz o conceito de inovação apresentando como eixo principal a mudança, não a exclusividade do novo, como é citado nas tecnologias, no entanto a inovação requer algo mais, a mudança do normal, das linearidades para receber novas possibilidades de conhecer, transcender as regularidades e produzir novos conhecimentos, novas fronteiras.

Entendendo um pouco mais sobre a inserção da inovação, percebe-se que a mesma ultrapassa os muros escolares, inovar faz parte do todo educacional. Considerando que a inovação faz parte de um processo de mudanças a partir de situações conflitos; no Brasil, também a ação inovadora está entrelaçada na história da educação brasileira, desde o seu início e perpassa a atualidade educativa, pois se percebe que

A inovação é o resultado de tensões de movimentos políticos que marcam a história do país e aqui se inclui a influência das relações internacionais, as quais estabelecem avanços e recuos na construção do projeto educacional, dependente das estruturas de poder dominante e, não, da simples inserção do novo ou da novidade. (CUNHA, 2002, apud SUANNO, DITTRICH; MAURA, 2013, p. 214).

Os movimentos políticos interferem no processo educativo provocando grandes mudanças, mas não quer dizer que a mudança é a própria inovação em si, e sim que os processos históricos, políticos e sociais têm influência nas alterações dentro de uma instituição educativa e de uma sociedade. A inovação parte de uma necessidade que em muitos momentos é preciso ter um clima de modificações, pois ela “existe em determinado lugar, tempo e circunstância, como produto de uma ação de pessoas sobre o ambiente ou meio social” (CUNHA, 2006, p. 41), transformando diferentes circunstâncias. O inovar não é restrito a uma área específica, ou a uma dimensão educacional,

As inovações podem ser consideradas pedagógicas ou institucionais, pequenas ou grandes, impostas ou por adesão, entretanto a mudança continua a ocupar lugar de destaque no debate sobre inovação educacional, apesar de inovação e mudança não serem categorias equivalentes. Tem sido praxe a mudança constituir a preocupação da área socioeducacional, e a inovação, do campo da produção, da tecnologia e da administração. (SUANNO, DITTRICH; MAURA, 2013, p. 212).

Não há um campo específico para acontecer o processo inovador e nem mesmo parte de um procedimento determinado, as inovações estão em toda parte, a partir do olhar diferenciado na percepção provável entre o antes e o depois em uma instituição ou em quaisquer situações. Percebe-se que as mudanças não são sinônimas de inovações, mas elas fazem parte de todo o processo e

[...] podem impulsionar mudanças significativas na aprendizagem docente. Elas se contrapõem a um modelo fechado e único de ensinar-aprender e inter-relacionam-se, dinamicamente, a elementos internos e externos da instituição, e entendemos, aqui, a docência como atividade contextualizada e múltipla. (SUANNO, DITTRICH; MAURA, 2013, p. 217).

O ato de inovar na educação pode alterar tanto nas políticas públicas, quanto no fazer pedagógico, não diz respeito exclusivamente dentro de uma unidade de ensino, ele sobressai na sociedade, à medida que se encontra um ser criativo com propósito de reorganizar uma ideia de forma a atender a sua realidade, a realidade social e comunitária. No momento em que este ser criativo procura coletivamente desenvolver o seu trabalho de forma contrária a um determinado modelo de ensino, com objetivos voltados ao bem comum, conseqüentemente percebe-se “que a inovação é tarefa de transgressores. Daqueles que estão convencidos de que a ordem habitual e rotineira do ensino deve ser alterada por novas formas [...] de compreender o mundo e exercer a docência” (CUNHA, 2006, p. 105-106), realizando uma mudança no processo educativo. E na concretização desse processo de inovação educacional,

Para que as mudanças, nas práticas educativas, aconteçam é necessário que devamos interagir intencionalmente com os sujeitos e favorecer a interação entre eles, de forma a termos uma ação pautada numa nova concepção. As práticas inovadoras são possibilitadoras dessas ações porque se fundamentam na dimensão ontológica, epistemológica e metodológica do conhecimento. Tais práticas evidenciam que há necessidade de rompermos com o paradigma conservador e com a prática meramente transmissiva do saber com forte tradição no ensino... (SUANNO, DITTRICH e MAURA, 2013, p. 225)

Para entender este rompimento, a mudança de paradigmas, Moraes (1997, p. 31) traz a concepção de que, “paradigma refere-se a modelo, padrões compartilhados que permitem a explicação de certos aspectos da realidade. É mais do que uma teoria; implica uma estrutura que gera novas teorias. É algo que estaria no início das teorias”. O rompimento de um paradigma

[...] decorre da existência de um conjunto de problemas, cujas soluções já não se encontram no horizonte de determinado campo teórico, [...] inicia-se um processo de mudança conceitual, surge uma forma de pensamento totalmente diferente, uma transição de um modelo para outro, tudo isso decorrente da insatisfação com modelos predominantes de explicação. É o que se chama crise de paradigmas e que geralmente leva a uma mudança de paradigma. [...] surge um novo paradigma explicando os fenômenos que o antigo já não mais explicava. (MORAES, 1997 p. 55).

Para tanto há uma necessidade de cuidar para não ter uma preocupação voltada simplesmente para o ato de rompimento em si, ou introduzir o novo, mas sim pensar nas

práticas inovadoras que traz “a possibilidade de rompermos com o paradigma conservador em prol da perspectiva emancipatória” (SUANNO, DITTRICH; MAURA, 2013, p. 228), pois “os processos de emancipações são estimuladores de intervenções compromissadas com as rupturas que atuam no sentido da mudança” (CUNHA, 2006, p. 17).

O romper com o conservador é andar em contramão a uma educação formadora e transformadora que valoriza a produção do conhecimento na concepção que

A razão de ser da educação é o gesto de formar pessoas na inteireza do ser, da formação do sujeito e da partilha com os outros, na construção livre e responsável de seu próprio mundo social, da profissionalização cotidiana, visando uma educação humanizadora. (SILVA, 2013, p. 146).

Uma educação que parte da vida e para a vida, valorizando o criar livre e inovador. Enquanto o ensino tradicional prioriza a reprodução do saber, um ensino transmissivo em oposição às mudanças, as inovações educacionais. Nesse sentido, considerando a importância da transição do paradigma conservador para o emancipatório, um ensino voltado para práticas inovadoras formativas e transformativas, precisa-se entender que a sociedade possui diferentes conceitos a respeito de inovação educacional, muitos, por apenas pensar em mudanças ou no novo já se traduz logo em inovação ou em ruptura paradigmática, sendo que

O uso de paradigmas deve ser entendido como sinalizador de movimentos que se aproximam em constante oscilação. A realidade é sempre multifacetada e precisa ser percebida como processo, como ato dinâmico e contextualizado. Grande parte das ações pedagógicas que procuram antecipar inovações, vivem intensos espaços na transição dos paradigmas, ora vivenciando práticas que façam avançar o modo tradicional, ora ainda reproduzindo processos presentes na história de cada um. O novo não se constrói sem o velho e é a situação de tensão e conflito que possibilita a mudança. (CUNHA, 2005, p. 24-25).

A inovação educacional não está simplesmente no período que traduz exclusividade a contemporaneidade, ela é construída como um processo que parte de algo existente, o conservador; no entanto, também diante das necessidades emergentes, surgem as possibilidades de transformações, um caminhar na oposição do tradicional para “reformular a própria finalidade da educação, isto é, colocá-la a serviço das forças emergentes da sociedade” (SAVIANI, 1995, p. 24).

No intuito de se opor as desigualdades culturais e sociais, que se fundamenta para um paradigma emancipatório, precisa haver um rompimento com o conservador. Essa ruptura (SUANNO, DITTRICH; MAURA, 2013, p. 219) “não ocorre de forma linear e regular, uma vez que não existe um único sentido; é múltiplo e aberto, contraditório e complexo, o que possibilita um número infinito de interpretações e de compreensões”.

A inovação parte de pretensões que visam sair do que está previamente estabelecido e ter a oportunidade de conhecer novas áreas de conhecimento, mudar o paradigma, (CUNHA 2006). Também no que se refere à fragmentação do conhecimento, (SUANNO, DITTRICH; MAURA, 2013, p. 224-225), percebe-se que “a realidade educacional não é vista como se fosse feita de racionalidade técnica e de fragmentação, mas, de processos que consideram o todo e, também, as partes, o conhecimento intuitivo, o emocional, o imaginativo e o sensível”.
Uma educação que

Ao se trabalhar conceitos e práticas transdisciplinares impõe-se uma atitude de compreensão da diversidade do modo de pensar. Olhar o outro desvela a cultura que nos forma, amplia horizontes e relativiza o que era tido como verdade única e indiscutível. Aceitar outros olhares como tendo o mesmo peso nos conscientiza dos mitos e do caráter particular de muitos valores que julgávamos universalistas, permitindo-nos descobrir o que realmente eles têm de universais. (SANTOS e SOMMERMAN, 2009, p. 93).

Com base nessa concepção pode-se referir também ao ser educativo, que visa o global e não o saber fragmentado, o ser humano como um todo, um ser emancipatório, que está voltado ao exercício da cidadania onde se percebe que para “um dos grandes aspectos de uma verdadeira Cidadania Planetária é exercer a responsabilidade de transformação social” (NASCIMENTO, 2013, p. 85) que se encontra no interior de cada um.

Nesse sentido, a transformação social por meio de práticas criativas e inovadoras no contexto escolar que visa o ensino emancipatório, vive o processo educativo pautado na visão do todo, procurando o fazer coletivo “nos aspectos didáticos, metodológicos e curriculares, ou seja, na prática educativa em si” (NASCIMENTO, 2013, p. 75), vê o outro, o ser humano inter-relacionado com a natureza, onde há o

Reaprender a contemplar a natureza, a ser sensível às suas necessidades e sabedorias, num caminho de reaproximação entre o ser humano e o natural é a característica mais importante de uma educação transdisciplinar, voltada à própria sobrevivência da nossa espécie e da vida tal qual como ela ainda se apresenta hoje em dia. (NASCIMENTO, 2013, p. 83).

O ser humano na educação transdisciplinar vê a natureza e a sua própria existência de maneira indissociável no planeta no sentido de preservação de sua sobrevivência, que implica o cuidar para que a vida natural não morra, para que uma educação que visa à superação da fragmentação, onde o ser humano parte de um todo não viva isolado. As práticas educativas são diferenciadas, atendendo o ser humano como um ser completo, valorizando todas as áreas de sua vida, pois,

A transdisciplinaridade maximiza a aprendizagem ao trabalhar com imagens e conceitos que mobilizam, conjuntamente, as dimensões mentais, emocionais e corporais, tecendo relações tanto horizontais como verticais do conhecimento. Ela cria situações de maior envolvimento dos alunos na construção de significados para si. (SANTOS; SOMMERMAN, 2009, p. 26).

Esta é a visão de uma educação transformadora onde busca a interligação do conhecimento em sua prática educativa, de forma inovadora, global e formadora, que outrora fora fragmentado.

Neste olhar emancipatório, a escola tem como objetivo principal a “criação de novas possibilidades formativas”. Proporcionar dentro das unidades de ensino as práticas educativas inovadoras para que “na medida em que os processos de busca de rompimento paradigmático se desenvolvem e se fortalecem coletivamente, cria-se, cada vez mais, a possibilidade de construção da autonomia” (FOSTER, et al., 2006, p. 52). É importante que o sujeito tenha a autonomia para enquanto ser reflexivo possa contribuir no processo criativo, não de forma individualizada, mas sim o fortalecimento do coletivo e na associação da inovação com a autonomia quando entendida como ruptura paradigmática, na medida em que assume as relações que abandonam a verticalidade autoritária (CUNHA, 2006).

Para que de fato uma escola possa ser inovadora, na transição do paradigma conservador, para o paradigma emancipatório se faz necessário que em sua prática educativa estejam incluídas ações voltadas para “desenvolver nos alunos os atributos mais característicos da criatividade, tais como a originalidade, flexibilidade, elaboração, inventividade”, (LA TORRE, 2008, p.83), no sentido em ser preparado para interagir com o mundo crítico e que

[...] dê espaço para criatividade e para o erro, pois não há aprendizagem sem ele; ofereça espaço para o diálogo e para a emoção; crie situações que fortaleçam o respeito mútuo; evite dar respostas prontas; valorize a experiência de cada um; pense e replaneje em ação. (SANTOS, 2013, p. 130).

Nesta nova percepção é importante que no processo de ensino e aprendizagem na escola criativa e inovadora, tenha o aluno como um dos protagonistas que pensa criticamente e tenha voz em seu processo educativo, pois assim eles serão os autores de seus próprios conhecimentos. Também sejam os professores no processo emancipatório, como um dos agentes que compõe a construção deste processo, que

[...] demanda uma atitude consciente, autônoma e intencional do docente em criar e descobrir um novo jeito de conceber o saber e o conhecer, em busca de novos sentidos que emergem das dinâmicas energéticas interpessoais que brotam dos ambientes educativos nos quais os sujeitos convivem. Os sujeitos nesses ambientes formam e transformam não somente a dimensão cognitiva do ser, mas o pensamento

metacognitivo, os socioafetivos, culturais, a evolução da consciência, os diálogos, as trocas de experiências, o espírito criativo e as relações entre as diversas áreas do conhecimento que impulsionam e tornam possíveis outras inovações. (PINTO, 2011, apud SUANNO, DITTRICH; MAURA, 2013, p. 228).

Nessa nova forma de aprender e compreender que o criar e o inovar no contexto escolar contam com vários agentes indispensáveis neste processo de ruptura paradigmática do conservador para o emancipatório, todos integrantes são importantes para intervirem com “propostas pedagógicas que se voltem para a realidade atual” (ZWIEREWICZ, 2013, p. 173), com propostas que atendam o ser, a sociedade, a natureza, a vida em um processo que não tenha uma visão dicotômica do ensino, sendo “necessário um novo pensar capaz de estabelecer relações, vital para se formar um todo, viável e visível tanto no nível global como no de cada ser humano em particular”, (FURLANETTO, 2011, p. 126), capaz de buscar o processo de união em vez de separar em uma educação diferenciada na sua forma de pensar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises bibliográficas pode-se verificar que a inovação e a criatividade no contexto educativo parte do pressuposto de uma educação formadora e transformadora como ensino emancipatório. Onde tem por base o partir da vida e para a vida, valorizando o ser humano como um ser completo em seu interior e integrante do planeta.

Busca-se por meio da mudança paradigmática a interligação do conhecimento, um princípio transdisciplinar, sem preconceitos e valorizando o ser humano como o todo. Uma educação com o predomínio das ações planejadas e executadas coletivamente, apreciando o potencial criativo tanto discente e docente, quanto a instituição, considerando toda a comunidade educativa.

Os fundamentos teóricos estão pautados na perspectiva de criatividade e inovação a partir de um processo de mudança que busca a ruptura com a fragmentação do saber e das práticas pedagógicas, enquanto ensino e aprendizagem e passe a reconhecer como parte importante o global.

A criatividade em sua ação original de pensar, refletir, livre, flexível, nova e consciente a partir de sua realidade de forma interligada com o processo inovador; busca organizar este criar com certo êxito no que se refere às práticas inovadoras em promover mudanças de um ensino transmissivo do saber para a produção do conhecimento que possibilita tanto o docente quanto o discente em serem protagonistas de sua própria aprendizagem.

A escola criativa neste novo paradigma que visa o ensino formador e transformador,

não tem como objetivo atender da forma que todas atendem, ela não tem como foco a ação mercadológica, não pensa só nas demandas de uma sociedade capitalista, mas prepara o aluno para a vida, desde o seu interior como um ser pensante, quanto um ser ativo no individualizado em suas limitações e no coletivo quanto, autonomia, comunidade educativa e na sociedade geral.

Diante do exposto a escola contemporânea pode ser definida como criativa e inovadora quando a mesma possui de forma e transformar o seu fazer pedagógico, coletivo, consciente, e emancipatório, que se atenta para si e para o seu entorno como parte integrante da sociedade.

Esta nova forma de conceber o conhecimento busca em sua prática educativa a superação do ensino linear, uma busca constante em meio a situações complexas de um ensino em geral fechado, que dita normas e regularidades de cima para baixo. Uma educação permeada no ensino conservador, onde não há o compartilhar e nem o trabalho em equipe.

No entanto, em meio às adversidades, rumo à transformação, nesta sociedade contemporânea, há o crescimento de instituições com uma visão diferenciada desse ensino tradicional, caminham cultivando mais a participação coletiva e o valor a vida, avançando em seu processo criativo e inovador para de fato ser participativa de uma educação emancipatória.

CONTEMPORARY CREATIVE AND INNOVATIVE SCHOOL IN TRANSITION PARADIGM

ABSTRACT

This article presents a discussion on the breakdown of the conservative paradigm for emancipatory education. A change in accordance with the theoretical framework about conceptions about creating and innovating in the ‘transformational vision’ while educational institutions. This study aims to understand the main concepts of creativity and innovation in contemporary school in the disruption of the conservative paradigm for an emancipatory education. It is a bibliographical study that started with the analysis of theoretical studies on the **Research Group in International Network, Investigating Creative and Innovative Schools**. This reflection brought the realization that contemporary school can be defined as emancipatory in creative and innovative perspective, when it goes against a conservative education, which prioritizes individual work and know fragmented. In opposition to this

model, this school has a formative and transformative vision of their pedagogical and collective tasks, seeking the interconnection of knowledge and knowledge production. An institution that values creative potential, nature and the human being; targeting the individual, social and planetary well through the principles that part of life and for life.

keywords: Formative and transformative education. Creativity and innovation. Paradigmatic change.

REFERÊNCIAS

BROILO, C. L.; PEDROSO, M. B.; FRAGA, E. T. Os alunos parceiros: adesões e resistências às inovações no espaço de sala de aula. In: CUNHA, M. I. da. (Org.) **Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006. p. 109-125.

CARNEIRO, M. A. B. Criatividade: potencial a ser desenvolvido em profissionais da educação infantil. In: SUANNO, M. V. R. et al. (Orgs.) **Resiliência, Criatividade e Inovação: potencialidades transdisciplinares na educação**. Goiânia: UEG/Ed. América, 2013. p. 131-146.

CUNHA, M. I. da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. 2. ed. Araraquara: Junqueira & Marin, 2005. 118 p.

_____. (Org.) **Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006. 143 p.

FOSTER, M. M. et al. Alguns caminhos para compreender o processo de construção da inovação. In: CUNHA, M. I. da. (Org.) **Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006. p. 45-60.

FURLANETTO, E. C. Formação e transdisciplinaridade: o encontro com a experiência. In: TORRE, S. de. et al. **Formação docente e pesquisa interdisciplinar – criar e inovar com outra consciência**. Blumenau: Nova Letra, 2011. p. 125-140.

LA TORRE, S. de. Professor e alunos criativos. In: _____. **Criatividade aplicada: recursos para uma formação criativa**. Tradução WIT Linguagens. São Paulo: Madras, 2008. p. 81-103.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. 9 ed. Campinas: Papyrus, 1997. 239 p.

NASCIMENTO, P. L. Parâmetros para análise-síntese de práticas educativas. In: SUANNO, M. V. R. et al. (Orgs.) **Resiliência, criatividade e inovação: potencialidades transdisciplinares na educação**. Goiânia: UEG/Ed. América, 2013. p. 75-99.

RAJADELL, N. A importância das estratégias didáticas em toda ação formativa. In: SUANNO, M. V. R. et al (Orgs.) **Didática e formação de professores: perspectivas e**

inovações. Goiânia: CEPED Publicações e PUC Goiás, 2012. p. 105-132.

SANTOS, A.; SOMMERMAN, A. (Orgs.) **Complexidade e transdisciplinaridade**. Porto Alegre. Sulina. 2009. 128 p.

SANTOS, E. C. dos. A prática criativa no ofício do professor. In: LA TORRE, S. de. et al. (coords.) **Inovando na sala de aula** - instituições transformadoras. Blumenau: Nova Letra, 2013. p. 115-131.

SAVIANI, D. A filosofia da educação e o problema da inovação em educação. In: GARCIA. W. E. (coord.) **Inovação educacional no Brasil**: problemas e perspectivas. 3 ed. São Paulo: Autores Associados, 1995. p. 17-32.

SILVA, V. L. de S. e. Estágio na formação de professores no ensino superior: uma vivência transdisciplinar. In: LA TORRE, S. de. et al. (coords.) **Inovando na sala de aula** - Instituições transformadoras. Blumenau: Nova Letra, 2013. p. 132-147.

SUANNO, J. H. Adversidade, Resiliência e Criatividade: uma articulação oportuna? In: SUANNO, M. V. R. et al. (orgs.) **Resiliência, criatividade e inovação**: potencialidades transdisciplinares na educação. Goiânia: UEG/Ed. América, 2013. p. 31-42.

SUANNO, M. V. R.; DITTRICH, M. G.; MAURA, M. A. P. (Orgs.) **Resiliência, criatividade e inovação**: potencialidades transdisciplinares na educação. Goiânia: UEG/Ed. América, 2013. 266 p.

ZWIEREWICZ, M. Formação docente transdisciplinar na metodologia dos projetos criativos ecoformadores – PCE. In: LA TORRE, S. de. et al. **Formação docente e pesquisa interdisciplinar** – criar e inovar com outra consciência. Blumenau: Nova Letra, 2011. p. 141-158.

_____. Projetos Criativos Ecoformadores – PCE: uma via metodológica desde e para o paradigma da complexidade. In: LA TORRE, S. de. et al. (coords.) **Inovando na sala de aula** - Instituições transformadoras. Blumenau: Nova Letra, 2013. p. 151-175.